

ISABEL CRISTINA AMARAL TIBURCIO

**PERSPECTIVAS DE UMA MÃE NA CRIAÇÃO DOS FILHOS DE PAIS  
DISTINTOS COM CARÁTER DIFERENTES**

GOIÂNIA, 2022

ISABEL CRISTINA AMARAL TIBURCIO

**PERSPECTIVAS DE UMA MÃE NA CRIAÇÃO DOS FILHOS DE PAIS  
DISTINTOS COM CARÁTER DIFERENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem pela Escola de Ciências Sociais e da Saúde, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Eliane Liegio Matão.

GOIÂNIA,  
2022

Dedico este trabalho para todas as  
pessoas que me inspiraram a redigir o  
presente estudo.

“Mas aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças, voam alto como águias, correm e não ficam exaustos andam e não se cansam.”

Isaías 40:31

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente agradeço a Deus por me proporcionar saúde e disposição para desenvolver este trabalho, o qual me rendeu risos, choros, e noites mal dormidas.

Agradeço a minha família, amigos, e minha orientadora por todas as ajudas que me passaram, essa contribuição me fortaleceu, fazendo de mim vencedora.

E por último, mas não menos importante, agradeço a mim mesma por não ter desistido do propósito de crescimento profissional, dos objetivos e meus sonhos.

## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O seguinte estudo surgiu a partir das inúmeras vezes que fui requisitada a ouvir inseguranças e dúvidas acerca do assunto. Serve como reflexão e alternativas para o cuidado com os filhos em relação ao assunto, pois trata da importância da atenção, orientação e diálogo dos pais e/ou responsáveis por crianças.

**OBJETIVO:** Descrever a narrativa de uma mãe a respeito dos aspectos positivos e negativos da formação dos filhos, cujos pais manifestam personalidades e condutas diferentes, que poderão influenciar as crianças de maneira desigual.

**ASPECTOS METODOLÓGICOS:** Estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. Foi elaborado a partir da revisitação de fatos e diálogos compartilhados com a pessoa da vivência relatada. Os dados foram dispostos em ordem cronológica para apresentar a sequência dos acontecimentos.

**RESULTADOS:** A mãe Verônica utiliza de ferramentas como o método da compensação na educação dos filhos, pois se dedica mais na educação da filha para equilibrar a falta da figura paterna. A mãe capta os pontos positivos do atual marido, que ensina sobre valores e princípios, para que assim ela saiba lidar com os fatores externos negativos do ex companheiro, pai de sua filha. Em sessões de terapia com psicóloga tem aprendido a usar ferramentas o método da compensação na educação da filha, a fim de equilibrar a falta da figura paterna.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A ausência da figura paterna é um dificultador na vida das famílias monoparentais. Gera carência que pode ser fator ainda mais agravante quando é acompanhada da falta da presença afetiva e financeira.

**PALAVRAS CHAVE:** Gravidez na Adolescência, Ausência Paterna, Consequências do uso de Drogas, Importância da Rede de Apoio.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CF- Constituição Federal

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

OMS- Organização Mundial de Saúde

PNI- Programa Nacional de Imunização

## SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	VIII
INTRODUÇÃO.....	9
1. REVISÃO DE LITERATURA .....	10
2. OBJETIVOS .....	16
2.1 OBJETIVO GERAL .....	16
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	16
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	17
4. RESULTADOS.....	18
5. DISCUSSÃO.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28



## INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho surgiu a partir das inúmeras vezes que fui demandada a ouvir dúvidas, inseguranças e questionamentos voltados ao assunto. Assim, refletir sobre o tema, bem como acerca de alternativas para o cuidado com os filhos em relação a problemática, pode-se constituir em alternativa para tratar da importância da atenção, orientação e diálogo dos pais e/ou responsáveis por crianças. A ideia não é dar respostas, mas sim propiciar a autorreflexão de futuros casais que se tornarão pais, assim como as mães universitárias sobre a criação dos filhos.

Diante o exposto, surgiu a seguinte questão norteadora: Quais as estratégias utilizadas por uma mãe, que tem filhos com pais diferentes, os quais apresentam personalidades com características diferentes, e que podem influenciar na criação das crianças de maneira desigual?

## 1. REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), toda e qualquer criança tem direito à saúde e à vida, distante de todo tipo de violência. A constituição federal (CF) de 1988, em seu artigo 227, define a total primazia e dever da família, da sociedade e estado, ou seja, tarefa de todos nós, no resguardo da criança e do jovem. Estão incluídos os seus direitos individuais e sociais, com vistas a coibir toda e qualquer discriminação, opressão, crueldade e violência de qualquer natureza. Especificamente, o artigo 227 ressalta que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, p.133).

Inquestionavelmente, a Carta Magna não gera dubiez em relação aos benefícios e proteção dos menores. Entretanto, sabe-se que nem sempre essa foi a linha de pensamento, pois até pouco tempo, no Brasil, havia a vigência da Lei 6.697, de 10 de outubro de 1979, intitulada Código de Menores. O então Código de Menores, identificado na sua produção como uma evolução a respeito da efetivação dos direitos na proteção da criança, apresenta-se desatualizado perante o texto constitucional vigente por seus parâmetros de subordinação da criança e do adolescente, como se ambos carregassem consigo, a certeza e compreensão dos seus próprios atos. O código refere a criança e adolescente como objeto de direito e gera estereótipos na função principal no código, mas não devolve os mesmos à sociedade, há somente repressão para tal, e conseqüentemente assim a sociedade obtém a sua autoridade assegurada, e sua prioridade mantida (ALIANÇA; NEVES, 2017).

Após a acentuada solicitação da sociedade no interesse da elaboração de uma lei que acolha a infância, surgiu o Estatuto da Criança e Adolescente o (ECA), que é regulamentado pela Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Segundo (Aliança e Neves, 2017), o princípio primordial a se discutir em relação ao ECA, é fundamentado no pleno acolhimento, que tem como plano, a criação de padrões e opções com empenho na inclusão e reinserção da criança na sociedade. Esse plano visa a defesa na infância e adolescência, com a garantia da proteção integral em dois formatos; o formato

preventivo e repressivo. O formato preventivo almeja a prevenção do suposto descumprimento dos direitos, e o repressivo tem a finalidade da repreensão dos infratores dos direitos, que gera a firmeza social e defesa jurídica no emprego do estatuto, e faz surgir individualmente no consciente dos prováveis violadores, o constrangimento em relação a penalidade que lhe pode ser empregada (ALIANÇA; NEVES, 2017).

De uma forma lúdica, podemos compreender o ECA, que foi abordado no Almanaque da Turma da Mônica, trazendo à nossa realidade as informações do estatuto de forma leve. O Almanaque resume que, toda e qualquer criança tem direito a Vida, Saúde, Liberdade, Convivência Familiar e Comunitária e Educação. O ECA garante um nascimento e desenvolvimento sadio para as crianças, e estabelece o atendimento médico, alimentação, condições de amamentação à futura mãe. Na saúde, ele assegura prioridade de atendimento sempre para a criança, com saúde bucal para tratamento de cáries e outras demandas, ter direito a alimentação saudável rica em frutas, legumes e verduras, e também ter acesso ao Programa Nacional de Imunização (PNI), para vacinar contra coqueluche, sarampo, rubéola, entre outras doenças (SOUSA, 2020).

Em relação a liberdade, o ECA promove o direito de ir e vir, de se expressar com respeito ao próximo, de escolher sua própria religião, de poder brincar, divertir, praticar esportes, e futuramente a partir dos 16 anos, exercer o poder de voto nas eleições. Na convivência familiar e comunitária, a criança tem o direito de ser criado e educado por sua família, seja ela rica ou pobre, além do direito à adoção quando há os casos de abandono e orfandade. Nestes casos, a criança deverá ser regulamentada e vigiada pelo conselho titular, independente do formato de família, os pais deverão proteger, educar, acolher, corrigir e sempre ensinar a ser um bom cidadão. Sobre a educação, o estatuto certifica o acesso a rede pública de ensino, os pais devem matricular e acompanhar seus filhos para que não haja falta às aulas ou evasão escolar. A respectiva instituição de ensino, deve respeitar os valores culturais da criança, e tem o dever de ensinar as habilidades sociais (SOUSA, 2020).

Na abordagem dos direitos e da defesa da criança, se faz necessário discorrer sobre o desenvolvimento da criança como um todo, nos aspectos físicos, psicológicos e emocionais. Entende-se por papel biológico, as atitudes atribuídas na garantia dos filhos a ter nutrição, crescimento físico e psicológico, proteção para que assim, eles possam sobreviver de forma digna. A função financeira, estabelecida legalmente para

o homem, que embora cada vez mais está sendo compartilhada pela mulher, se trata da manutenção material do casal e dos filhos. Para além disso, a família deve prover de afeição, apoio, companheirismo, cultura, religião, economia, e moral (PINHEIRO; SIQUEIRA; BUCHER, 1983).

A família é parte desse desenvolvimento, que entra no papel social dos pais, sendo ela um fator intrínseco na vida de uma criança. Desta maneira, a família mantém seu cargo de útero social, sendo um lugar especial e inigualável que gera acolhimento, convivência, educação e afeto, mas ainda assim existem contendas e desacertos na convivência entre os seus integrantes. Na atual sociedade, não se acha padrões familiares únicos em relação ao avanço da educação dos filhos. Tem-se notado mudanças na função clássica do pai e da mãe, que substitui o padrão familiar tradicional, por novos formatos de família. Considerando as modificações, a família ainda exerce um papel de mediação entre o sujeito e a sociedade, possuindo sua própria composição e execução (LINS *et al.*, 2015).

Estudos apontam, que o conforto emocional de mães e pais é um prognóstico relevante das habilidades parentais no que se refere às crianças, que implica diretamente na respectiva evolução infantil. Alguns aspectos estão correlacionados ao conforto paternal; o estresse de sobrecarga de tempo e a depressão. O estresse de sobrecarga de tempo, é entendido de modo amplo, quando apresenta-se por sentimento de sobrecarga, e pela sensação da conta que não bate, visto que a demanda das atividades do dia a dia dos pais, é maior do que o tempo livre para a realização das mesmas. A depressão é caracterizada como uma condição que sofre os resultados acerca das relações de cada pessoa, e sobre a relação entre os pais e seus filhos. Considera-se que, o relato dos pais sobre esta questão, oferece uma referência significativa sobre seu bem-estar emocional (RIBAS; JUNIOR; VALENTE, 2006).

Conger *et al.* (1992) mostram que a crise de situação econômica abala o conforto emocional dos pais, tal qual levaria a um desempenho parental fragmentado, com pouco suporte, e com desdobramentos negativos a respeito do desenvolvimento da criança. Nesse sentido, Yeung, Linver e Brooks-Gunn (2002) apontam que outros fatores influenciariam de modo igual, tais fatores como, a baixa escolaridade, trabalho instável, baixa renda, pressão econômica, e problemas financeiros, devem também ser inclusos como motivos vinculados à qualidade do bem-estar emocional de pais e mães.

Outro aspecto ligado ao bem-estar dos pais, é a rede de apoio social. Esta rede é determinada através do apoio social de pessoas e instituições, para além da família que dão aos pais, um suporte instrumental, material, emocional, de conselho, cuidado e de educação. A rede de apoio colabora diminuindo o estresse e sobrecarga exercidos sobre os pais na criação dos filhos, ela dá base material e emocional para os pais, estimulando-os na atuação da paternidade e maternidade (RIBAS; JUNIOR; VALENTE, 2006).

A rede de apoio social é classificada como um dos primordiais ângulos determinadores para a superação dos problemas e adversidades. Possuir rede de apoio acessível como auxílio na superação dos problemas, que supostamente poderão ocorrer ao longo da vida, se torna uma condição de acolhimento que ajuda no desenvolvimento dos integrantes da família. Além disso, há pesquisas que demonstram o crescimento da importância de ter relações próximas e do apoio social em tempos de estresse. A ação familiar pode servir como ajuda na superação ou na vulnerabilidade dos integrantes nas fases de crise. Porém, levar em consideração somente o sistema familiar como saída, torna-se simplista diante dos recursos dos contextos vinculados à família, que poderão constituir o ambiente ecológico de adaptação dos indivíduos. Estas influências no contexto da família, podem reduzir ou ampliar o impacto de fatores de risco (SEIBEL *et al.*, 2017).

Uma forma de redução dos fatores de risco, é a relação da família com os filhos. Esta relação é de extrema importância para o crescimento como indivíduo, e na garantia do desenvolvimento biopsicossocial e no amadurecimento das relações sociais e individuais. Infere-se portanto, a necessidade da interação dos pais com os filhos, para a elaboração do autoconceito, autoestima e para o direcionamento do futuro (DIAS,2012). É importante destacar que o ambiente familiar é reconhecido como a rede de apoio mais próxima no decorrer da infância, esse ambiente é um agente de proteção de grande significância, pois a existência na família das qualidades como a intimidade, comunicação e afeto, podem ajudar as crianças a manter um senso de estabilidade e rotina em relação as alterações, e das circunstâncias de estresse, as quais estarão visíveis no escoar da sua rotina (NASCIMENTO; FERNANDES, 2017).

Entre as características familiares, algumas ações educativas podem ser vistas como anteparo para a evolução humana. Atitudes que envolvam o monitoramento, a relação afetiva, e limites são tidas como fatores que resguardam o ser da baixa

autoestima, depressão, e problemas de comportamento. Além disso, a explicação associada a um controle, orienta a criança para as consequências de seus atos, que a torna mais autônoma. Reforçar positivamente a solução de problemas, e executar uma supervisão e monitoria positiva dos filhos, incentiva a realização da prática de estudo para o aprimoramento escolar. Estas habilidades são essenciais para o desdobramento das condutas sociais nos seres humanos (PATIAS; SIQUEIRA; DIAS, 2013).

A demonstração de afeto promove a conexão de uma vivência favorável entre os integrantes da família, o que facilita a resiliência durante as adversidades da vida. Sendo assim, os contatos do abraço, beijos, pele com pele, e o carinho, dentre outras manifestações de afeto, são potentes barreiras para os comportamentos de agressividade da criança. Desta forma, quando os pais manifestam aos filhos a sua grande importância, faz com que eles se sintam amados. Essas demonstrações fazem parte das obrigações dos pais, pois facilitam que seus filhos cresçam alegres e adaptados para a futura convivência com a sociedade (PATIAS; SIQUEIRA; DIAS, 2013).

O detrimento da atenção desses aspectos poderá caracterizar a violação dos direitos, ou seja, a ausência de defesa destes direitos. Nesse sentido, são várias as possibilidades que se enquadram como violação de direitos da criança. Dentre esses, estão a drogas, alcoolismo, violência sexual, dentre outras. A palavra provém do latim (*violentia*) e do termo violação (*violare*), é algo que contém impetuosidade e remete veementemente a um caráter violento ou bravio, que expressa força, vigor e/ou emprego da força física (BONAMIGO, 2008). Dessa forma, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a violência é qualificada como o termo da utilização de domínio físico ou mando, contendo ameaça ou na prática, confrontando a si próprio, outro indivíduo, o coletivo, ou comunidade que proceda ou possa proceder em morte, sofrimento, desgaste físico ou psicológico, crescimento danificado ou privação (NUNES *et al.*, 2020).

Já as influências negativas, podem ser classificadas em violação de direitos e violência contra a criança. Uma forma de infração perante a criança, é a privação da figura paterna, formando assim a deterioração da figura do progenitor. Segundo Pinheiro, Siqueira e Bucher (1983, p.111), “Considera-se ausência do pai como a sua falta física e/ou emocional para os filhos, resultante seja de morte, divórcio, separação, abandono, desquite ou qualquer outro tipo de separação temporária ou permanente”.

A assistência do pai na vida de um filho, é tão necessária quanto à figura da mãe quando é planejado um satisfatório crescimento social e emocional da criança, de acordo com diversos níveis e circunstâncias, pois não só ajuda como fomenta o exemplo dado pela mãe. A criança em seu desenvolvimento, precisa do casal conjugal para construção de uma imagem otimista dos laços afetivos e da boa convivência no decorrer do desenvolvimento do caráter (NASCIMENTO, 2016).

Quando há um desequilíbrio na imagem otimista dos filhos, podem gerar complicações na vida dessas crianças. Estas, tendem a ser agressivas e inseguras, apresentam problemas com relação à insegurança financeira, desenvolver transtornos de ansiedade. Sem a orientação adequada, a criança sem pai pode não fortalecer as habilidades necessárias para a vida, e assim ficar para trás em relação às outras crianças tanto a nível acadêmico e social. As crianças com pais distantes, em sua maioria do sexo masculino, podem não desenvolver a submissão a uma figura de autoridade, e conseqüentemente se tornar figuras rebeldes que tomam partido a violação das regras (TRAPP; ANDRADE, 2017).

Em alguns casos, muitas crianças podem se sentirem mal amadas. Estudos revelam que a maioria das mulheres, não se relacionam seriamente na fase adulta, devido à ausência da figura paterna em sua infância, pois essa relação com o pai será um determinante da idealização dos relacionamentos afetivos. Elas inclinam-se para a sensação de rejeição e inferioridade, levando a uma baixa da sua autoestima, pois se sente indigna, desta forma, estas sensações precisam ser desmistificadas e tratadas. Quando as relações paternas estão em desajustes ou remotas, os resultados poderão influenciar a criança a ter comportamentos de modos inconvenientes (TRAPP; ANDRADE, 2017).

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Descrever como uma mãe lida a respeito dos aspectos positivos e negativos da formação dos filhos, cujos pais manifestam personalidades e condutas diferentes, que poderão influenciar as crianças de maneira desigual.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar os principais fatores percebidos como negativos que poderão influenciar o futuro encaminhamento das crianças com pais diferentes;
- Apresentar os aspectos positivos que poderão influenciar o futuro desenvolvimento das crianças com pais diferentes;
- Destacar a participação familiar como rede de apoio na criação dos filhos;
- Traçar o perfil de cada um dos pais das crianças da mãe participante do presente estudo.



### **3. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de estudo descritivo com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. Foi desenvolvido a partir da revisitação de fatos e diálogos compartilhados com a pessoa da vivência relatada. Todos os personagens incluídos foram renomeados para preservar a identidade dos mesmos. Os dados reunidos foram organizados em ordem cronológica, para apresentar a sequência dos acontecimentos. Feita análise descritiva do material obtido. Em razão do tipo de estudo, a presente proposta não foi encaminhada a nenhum Comitê de Ética em Pesquisa.

#### 4. RESULTADOS

Este é um relato de experiência sobre a vivência da qual acompanho de longe. Trata-se da dura batalha de uma mãe, na criação de seus dois filhos. Quando digo de longe, me refiro a não ter laços de consanguinidade, porém tenho intimidade suficiente que me permite detalhar o desenvolvimento dessa história.

A mãe Verônica, minha amiga de longa data, é guerreira, trabalhadora, sofrida e mesmo assim carrega consigo um sorriso no rosto e fé no coração. Filha da dona Natália e o senhor José, nascida na cidade de Goiânia-Goiás, tem um irmão mais velho que se chama Jeferson. Na sua caminhada, Verônica teve erros e acertos, e já muito jovem foi mãe, mas sempre batalhou para conquistar seus objetivos. Ela gerou duas crianças, que são filhos de pais distintos, com personalidades totalmente diferentes um do outro. O fato de ter se tornado mãe muito jovem acarretou em amadurecimento repentino e relativamente precoce, que se pode dizer, que atingiu os seus filhos. As crianças apresentam ideias de adulto, muito longe das respectivas idades de Laura e Bruno.

Os filhos, são Laura de 8 anos, do primeiro casamento, e Bruno de 6 anos do marido atual. A família é composta também pelo atual marido Frederico, e sua mãe Natália. Moram na Região Noroeste de Goiânia, no setor Nova Esperança, em casa cedida pelo tio avô, o senhor Francisco, que se compadece da história difícil da família. A renda familiar é a soma dos salários de Verônica e Frederico, que ambos trabalham como vendedores em loja de eletrodomésticos no setor Central de Goiânia, e gera o aproximado de 4 mil reais. Os dois estudaram somente até o ensino médio, o que impossibilita de arrumar um emprego mais promissor e bem assalariado. Nesse atual emprego, eles estão trabalhando há mais ou menos 2 anos.

Verônica aos 17 anos teve sua primeira união estável com Reginaldo, logo após descobriram que ela estava grávida de Laura. Essa união durou 3 anos, com conturbações e com um grande empecilho, o vício de Reginaldo pela maconha. Chegado um momento em que o patrão de Reginaldo descobriu seu vício pela droga, e então o demitiu. Desempregado, Reginaldo partiu para o crime, que o levou a assaltar o caixa de um supermercado do setor Morada do Sol. Posteriormente, ele usaria o dinheiro do assalto para manter a sua dependência por maconha, porém a Polícia local o flagrou no exato momento do roubo, e assim ele foi preso.

Verônica passou por um momento muito difícil, onde se viu sozinha com sua filha em uma cidade grande, e com muito medo da falta de proteção e de até passar fome, ela então recorreu a ajuda dos avós paternos da Laura. Os avós compartilhavam a guarda da menina, e as ajudavam financeiramente com uma pensão de R\$ 350,00 reais, pegavam Laura aos finais de semana para levar para casa, passeava, distraía e cuidava com muito zelo. Logo após, a mãe da Verônica se mudou para Goiânia para morar com a filha e a neta, e foi quando Verônica arrumou emprego e foi trabalhar durante todo o dia, enquanto sua mãe cuidava da Laura.

Nesse serviço, Verônica conheceu Frederico, se tornaram amigos e logo se apaixonaram. Ele a pediu em casamento, e então se casaram no civil, e o fruto da relação foi o caçula Bruno, o segundo filho de Verônica. Frederico desde então passou a assumir a responsabilidade da paternidade de Laura, para ajudar no seu desenvolvimento e tentar suprir a falta de seu pai biológico. Ele trata as duas crianças com muito amor e cuidado, sem fazer distinção com sua enteada.

A realidade do pai da Laura aflige Verônica, que por sua vez teme o mal domínio na vida da filha, e também que consiga contaminar o desenvolvimento de seu outro filho. O grupo familiar vive em luta constante contra essa possibilidade, e todos juntos se unem para ensinar e fortalecer a educação, princípios e valores das crianças, para que sejam cidadãos de bem.

Dona Natália, com sua conduta religiosa é a grande rede de apoio familiar. No cotidiano, sempre tenta contornar a situação de fragilidade a partir da sua sólida base religiosa. Leva as crianças todas quartas e domingos para a igreja católica no setor Campinas, e lá na catequese elas aprendem os mandamentos de Deus, aprendem a ter amor e temor pelo senhor. Além do aspecto religioso, ela ajuda também nas tarefas diárias das crianças, como dar comida, banhar, ajudar nas tarefas escolares e no lazer.

Frederico contribui com a sua retidão de caráter. Influencia as crianças a serem responsáveis e amáveis. Verônica é a maior influência para seus filhos, pois desde que foram gerados em seu ventre, eles recebem os estímulos da vida difícil que ela viveu, e como citado anteriormente, essa dificuldade gerou o amadurecimento precoce da mãe, que foi repassado para as crianças, o que deu margem a uma formatação no desenvolvimento dos menores. Além disso, ela explica tudo abertamente aos seus filhos, expondo o caminho aceito pela sociedade como do bem e do mal, e muitas vezes cita o passado de Reginaldo, e pontua o medo que tem da

suposta influência que esse passado possa exercer sobre a Laura, e assim vir a alastrar sobre a família dela. Esse conjunto de fatores e estratégias da família, são usados para que Laura e Bruno sigam um padrão tido como certo, e posteriormente não sofrer por fatores externos.

Laura adora seu padrasto, até o chama de “papi postiço”, como aprendeu a falar numa novelinha infantil. Mas, mesmo com todas as colaborações, o cuidado e zelo de Frederico, o sangue de Laurinha fala mais alto, e sempre procura pelo seu pai, e diz:

- “Meu pai verdadeiro me abandonou? O que aconteceu que eu não posso vê-lo?”, é uma sensação horrível, é de cortar o coração. Em tais ocasiões, com todo cuidado, sua mãe explica que ele está preso pois fez coisas ruins para a sociedade, e que isso gerou uma consequência, no caso a sua privação de liberdade. Laura então rapidamente imagina com sua cabecinha fértil o que poderia ser a cadeia, e solta - “Cadeia é tipo uma casa onde ficam pessoas ruins!”.

Verônica deixa claro que em momento algum impedirá Laura de ver seu pai novamente, assim que isso for possível. Mas declara isso com o coração arrojado, pelo medo da influência. A mãe busca ajuda com profissionais para tentar entender a situação da sua família, e para ajudá-la a ter decisões assertivas. Na terapia, a mãe aprendeu a usar o mecanismo de compensação, onde dedica mais tempo na educação da Laura, visto que ela não tem o pai biológico por perto para formar o casal de progenitor. Esse mecanismo é explicado pela psicóloga como em um exemplo das asas do avião, onde só se funciona bem quando as duas existem, e na falta de uma, o avião tende a cair. Nesse mecanismo a mãe se destina a explicar sobre princípios, valores, condutas corretas, e consequências, a fim de neutralizar a falta da figura paterna.

As sessões de terapia são em um centro de convivência do setor onde eles residem, a cada 15 dias os profissionais da psicologia, assistência social e conselho tutelar se reúnem com várias mães, e buscam discutir sobre a maternidade. Nas reuniões é oferecido um lanche ao público, a fim de gerar um momento feliz e fraterno entre as mães ali presente. Verônica adora as sessões, porém é queixosa em relação a não constância das mesmas, visto que são gratuitas, e por isso não é sempre que consegue ter a presença dos profissionais, e assim torna a compreensão acerca do assunto mais difícil.

#### 4. DISCUSSÃO

De acordo com uma pesquisa realizada em 2017, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstrou que no ano de 2005, o número de mulheres com filhos e sem cônjuge era de 10,5 milhões. Já em 2015, este número teve um acréscimo de 1,1 milhões, atingindo a marca de 11,6 milhões de mulheres. Outra pesquisa realizada em 2011, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) evidenciou que mais de 5 milhões de crianças não possuem o nome do pai em seus registros de nascimento (VELASCO, 2019).

Historicamente, na sociedade brasileira, os padrões de famílias consideradas com maior valor e prestígio se delimitavam aos modelos tradicionais formados pelo pai, mãe e filhos. Atualmente, ainda existem vários preconceitos relacionados a formação de uma família que não seguem este padrão, tornando estas pessoas malvistas na sociedade em geral (NASCIMENTO, 2019). Desta forma, é possível evidenciar, neste estudo, o enfrentamento de uma mãe na criação de seus filhos.

Na maioria das vezes, as pessoas atribuem expressões romantizadas para mães que vivem esta realidade, sendo uma delas, mãe guerreira. Estas expressões evidenciam a ausência do pai e a sobrecarga da mulher ao trabalho de cuidar. Além disso, elas sofrem inúmeras formas de discriminações que estão relacionadas desde a ausência de um relacionamento conjugal até questões que impactam a vida cotidiana, como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e a desigualdade salarial (BORGES, 2020).

Independente da configuração familiar, perante a lei todos os cidadãos devem estar protegidos pelo Estado. A sociedade brasileira se constitui democraticamente e enfatiza o respeito à dignidade do indivíduo ambicionando a promoção e o bem de todos. Como visto no estudo, uma das dificuldades que Verônica enfrenta é de se estabelecer financeiramente. Perante os desafios que a mãe enfrenta como a falta de oportunidade no mercado de trabalho para um serviço digno, torna-se necessário a aplicação efetiva das leis já elaboradas para que seus direitos sejam atendidos devidamente (FERREIRA, 2019).

Através do relato de experiência foi possível analisar que a gravidez na adolescência proporciona o amadurecimento eficaz e rápido na mulher. Desta forma, segundo Valente (2003), uma gestação nesta fase da vida proporciona diversas reações em sua família, podendo ir de uma agressão até a superproteção. Sendo

assim, a mãe adolescente cria mecanismos de defesa contra o desamparo, e assume a devida responsabilidade de tal impasse.

Diante o contexto familiar, os pais possuem a principal função de ensinar os filhos sobre os valores sociais, morais e éticos. É na família que a criança possui maiores sensações de felicidade e amor, mas também sensações de tristezas, desconfortos e brigas. Desta forma, compreendemos que a família também é fonte de conflitos, os filhos tendem a reproduzir os atos de seus pais sejam eles positivos ou negativos (FERREIRA, 2019).

A ausência do pai pode gerar várias consequências em seus filhos. Por exemplo, a dificuldade em conseguir manter vínculos, desenvolvimento de características de desrespeito pelo outro, problemas na autoconfiança, o que gera como consequências transtornos psicológicos, desamparo e sensação de inadequação. A maioria das crianças nessa situação, não conseguem ter uma visão positiva de si mesmo e do mundo. Criam fantasias acerca dessa ausência ou distanciamento, tais como, por exemplo, de não serem amados e desejados (SOARES, 2021).

As crianças que não têm uma relação significativa com o pai têm maiores dificuldade de instituir limites e reconhecer as regras sociais. Crianças que crescem sem pai tendem a se envolver em crimes, gravidez na adolescência, depressão e/ou abuso de substâncias. A ausência dessa figura não está apenas referente à ausência física, mas sim, à distância emocional, à falta de conexão entre a criança e a figura paterna. Pais ausentes podem causar danos irreparáveis que colocam em risco a vida dessas crianças (SOARES, 2021).

Uma pesquisa realizada por (Soares 2021) teve como objetivo identificar se os filhos tivessem a oportunidade trocariam seus pais, não porque não o amava, mas por considerar que seria ideal um outro tipo de relação, por exemplo, com mais diálogo. A maioria das fantasias que esses filhos criaram sobre a paternidade é significativa, pois o pai real é sempre diferente do que foi fantasiado. Este fato, é decorrente da ausência da afeição entre pai e filho. Pode-se pressupor na análise da experiência que para Laura a falta de seu pai durante a prisão, ocasionou vários sentimentos de solidão e abandono. A mesma declarou que é um local para pessoas ruins, e que sentia a sua falta, ou seja, ela desejou, por um instante, um pai diferente. Esta ausência ocasionará possíveis consequências em seu futuro.

O pai e a função paterna têm sido reconhecidos como fatores importantes no desenvolvimento da criança. Exercem papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e social, bem como facilitador da aprendizagem e na integração da criança na comunidade. Os estudos atuais tem mostrado essas vivências podem emergir nas mais variadas possibilidades na vida adulta, interferindo na construção psicoafetiva do indivíduo, repercutindo em suas relações sociais (BENCZIK, 2011).

Montgomery (1998 apud BENCZIK, 2011), em sua análise feita sobre a figura paterna, aponta resultados da ausência paterna na vida da criança. Quando vigente tal condição, a criança têm duas vezes mais probabilidade de repetir o ano escolar, assim como as crianças que apresentam comportamento violento nas escolas têm 11 vezes mais chance de não viver na companhia do pai biológico do que crianças que não têm comportamento violento.

Mason (1994 apud BENCZIK, 2011), acrescenta que os problemas de comportamento associados ao efeito da ausência paterna, está associada com maiores índices de distúrbios do comportamento em adolescentes. Pesquisas demonstram que a ausência paterna geralmente tem impacto negativo em crianças e adolescentes, sendo que estes estariam em maior risco para desenvolver problemas de comportamento.

No estudo de Paschall *et al.*, (*et al.*, 2003 apud BENCZIK, 2011), sobre os efeitos de ausência paterna, associação com pares delinquentes entre adolescentes afro-americanos com comportamento delincente, obteve-se o resultado de que a ausência paterna não foi associada com comportamento delincente das crianças, mas o efeito negativo do fator socioeconômico no comportamento delincente foi mais frequente em famílias com pai ausente. Piffner *et al.*, (2001 apud BENCZIK, 2011), pesquisaram a associação entre ausência paterna e elementos anti-sociais familiares. Os resultados apontaram que famílias que obtinham a figura paterna tiveram menos sintomas anti-sociais na mãe, no pai e na criança do que famílias sem o pai.

De acordo com Ferrari (1999 apud BENCZIK, 2011), o vazio da ausência do pai, é constituído a partir da noção das crianças de não serem amadas pelo genitor que está ausente, com uma grande desvalorização de si mesmas. Além disso, a criança pensa ser má por ter sido abandonada. O autor estabelece que isso pode

gerar várias reações, desde tristeza até agressividade. Ferrari (1999 apud BENCZIK, 2011) apresenta ainda que os tímidos e temerosos do exterior se fecham em si mesmos, e os extrovertidos e temerosos do interior de sua história se vingam no mundo com condutas anti-sociais ou mesmo delinquentes.

Segundo estudo realizado por Carvalho (2003 apud LAGO, 2009) mais da metade dos jovens delinquentes institucionalizados em Portugal foi alvo de uma primeira intervenção tutelar entre os 9 e os 13 anos. O estudioso aponta que a maioria dos delinquentes juvenis é do sexo masculino (81,9%), com uma maior incidência na faixa etária dos 14-15 anos, sendo que a primeira institucionalização ocorreu com maior incidência entre os 12-13 anos. Já as meninas delinquentes tendem a situar-se em faixas etárias mais altas (16-17 anos), com a primeira institucionalização aos 14-15 anos.

Carvalho (2003 apud LAGO, 2009) também mostra que, a qualidade das relações familiares destes jovens é demasiado negativa, sendo frequente a ausência de contato com um dos progenitores, com maior incidência da figura paterna. Há uma ausência excessiva e permanente de elementos de caracterização da figura paterna, decorrente da sua ausência do círculo familiar e do processo educativo do indivíduo. Dentre os adolescentes institucionalizados em Portugal, as meninas apresentam maior número de comportamentos exercidos contra a integridade pessoal, tendendo a agir individualmente, enquanto os rapazes apresentam mais atos ilícitos contra o patrimônio e tráfico de droga, com atuação em pequeno grupo. O autor aponta ainda, que a delinquência masculina e feminina é diferente: enquanto a delinquência masculina tende a manifestar-se numa luta agressiva contra o mundo e as suas figuras de autoridade e poder, a delinquência feminina tende a tomar a forma sexual.

Essa ausência da figura paterna vivida na infância causa muitas repercussões na adolescência e vida adulta do jovem que se desenvolveu sem a assistência paterna, considerando que a adolescência é um período da vida propício para uma crise psicológica. Desta forma, essas repercussões podem se transformar e resultar em comportamentos desviantes, manifestos de depressão e em comportamentos antissociais. A partir disso, pode-se perceber que a ausência da figura paterna pode vir a provocar distúrbios no adolescente e dentre estes distúrbios, pode-se encontrar o uso e eventual abuso de substâncias psicoativas, com início e instalação precoce.



Desta forma, é possível afirmar que a ausência paterna pode desencadear diversos problemas na vida das crianças e/ou adolescentes, e, a partir disso, fazer com que a necessidade do jovem de preencher seu vazio e sua carência, seja canalizada para o uso de substâncias tóxicas, procurando no uso do álcool e das drogas, um refúgio para a lacuna que existe na sua formação familiar e enquanto indivíduo (NASCIMENTO, 2016).

Para além disso, outro elemento que deve ser incluso neste trabalho e discutido com maior afinco é o uso de substâncias entorpecentes. O uso afeta o círculo familiar de inúmeras famílias brasileiras e também de um dos indivíduos entrevistados neste trabalho em específico. A dependência química é um grave problema de Saúde Pública, atingindo o indivíduo de diferentes maneiras e alterando seu comportamento e inclusão na sociedade. Ela afeta crianças, adolescentes, homens e mulheres. Drogas são substâncias que acarretam alterações nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional das pessoas. Segundo o Ministério da Saúde, cerca de 10% das populações dos centros urbanos de todo o mundo consomem substâncias psicoativas abusivamente. Uma vez dependentes das drogas, os usuários a incorporam no seu cotidiano, não aceitam restrições, resistem à disciplina e têm dificuldade de dar continuidade a vida de estudos ou trabalho.

O principal problema enfrentado pela família que possui em seu meio um usuário de drogas são as diversas noites sem dormir, considerando que o usuário pode passar noites desaparecido, correndo todos os tipos de riscos. Muitas vezes, por não poder usar a droga dentro de casa, o usuário busca a rua para fazer o uso da substância e sua aquisição. Considerando o perfil manipulador do usuário, é comum a mentira faça parte do seu cotidiano, acarretando a perda de confiança de todos no dependente, causando sofrimento familiar, pois tem de manter o usuário em vigília, adotando posturas controladoras em frente perante o dependente e perturbando as relações familiares. O uso de drogas faz, muitas vezes, com que o usuário não consiga manter-se no emprego ou dar continuidade aos estudos, passando então a roubar coisas de dentro de casa e vendê-las ou trocá-las pela droga. A família pode sentir-se vulnerável pela sensação de impotência perante o que acontece, levando-a a optar por trabalhar, estudar, realizar suas atividades diárias ou vigiar o usuário de drogas

nas 24 horas do dia. Isso é fator gerador de sofrimento e angústia para os familiares (NASCIMENTO, 2016).

A ausência da figura paterna é um dificultador na vida das famílias monoparentais. Essa carência da presença pode ser fator ainda mais agravante quando ela é acompanhada da falta da presença afetiva e financeira. Vimos a realidade de uma mãe que mesmo tendo rede de apoio do marido e avós, não deixa de enfrentar vários desafios na criação dos filhos. Diante disso torna-se de extrema importância o apoio profissional para que saiba lidar com a realidade do ex-marido, que é pai ausente, presidiário e dependente químico. Para além dessa rede de apoio da família e amigos, é importante que a mãe tenha acompanhamento psicológico, para que reconheça sua posição e exerça sua maternidade de forma mais lúcida, saudável e prazerosa, e assim influencie para a construção de uma sociedade mais igualitária e empática (NASCIMENTO, 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podem ser relacionados como os principais fatores percebidos como negativos, o fato da não convivência de Laura com seu pai, a falta que a menina sente do seu progenitor, e também por ele ser presidiário, o que pode acarretar uma má influência para ela, e supostamente para Bruno também. Em contrapartida, temos os pontos positivos que ajudam na criação das crianças, por exemplo, a ajuda psicológica e social que Verônica recebe, que auxilia no seu entendimento em relação a situação da sua família. A retidão de caráter de seu atual esposo também influencia positivamente nesse processo, pois ele passa para as crianças valores e princípios importantes para se ter um bom caráter.

A rede de apoio que Verônica recebe dos avós paternos de Laura, é peça fundamental desse processo de educação, pois Verônica se sente mais protegida em saber que há alguém a quem contar de forma financeira, educativa e afetiva. Foi traçado o perfil de ambos pais dos filhos, um com sua personalidade mansa, honesta e justa, e o outro com desvio de caráter, fragilidade por entorpecente e com algumas atitudes arredias. Diante disso, Verônica utiliza de ferramentas ensinadas a ela pela psicóloga. O método da compensação na educação da filha, se dedicando mais na educação da mesma, afim de equilibrar a falta da figura paterna. E assim ela segue lidando bem com os aspectos positivos do atual marido, que ensina valores, princípios, e bom caráter para seus filhos, para que os fatores externos negativos do pai de sua filha não cheguem a eles.

## REFERÊNCIAS

ALIANÇA, R. S. de; NEVES, Y. G. **A concepção de infância no decorrer da história e a eficácia do ECA**. Encontro de Iniciação Científica, v.13, n.13, 2017. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/6388/6085>> Acesso em: 15/09/2021.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. Revista Psicopedagogia, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0103-84862011000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-84862011000100007)>. Acesso em 07/06/22.

BONAMIGO, I. S. Violências e contemporaneidade. **Revista katálysis**, Santa Catarina, v.11, n.2, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/HwMmgkb6Q35rBwwMCfhtqMw/?lang=pt>>. Acesso em: 10/11/2021.

BORGES, L. Mãe solteira não, mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, Bahia v.1, n.1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872>>. Acesso em: 17/05/2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. **Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008**. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)>. Acesso em: 21/09/2021.

CONGER, R. D. *et al.* A Family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. **Journal Child Dev**, v.63, p.526-534, 1992. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1600820/>>. Acesso em: 28/11/2021.

DIAS, C. A. R. **A família na formação da identidade: orientações de futuro**. 2012. 248f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2012. Disponível em: <[https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2591/1/TESE\\_FINAL\\_Carlos%20Dias.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2591/1/TESE_FINAL_Carlos%20Dias.pdf)>. Acesso em: 29/11/2021.

FERREIRA, B. L. **Relações conjugais: conflitos e influências comportamentais sobre os filhos**. 2019. 43f. Tese (Graduação em Humanas) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019. Disponível em: <[https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1474/1/2019\\_proj\\_lilianaferreira.pdf](https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1474/1/2019_proj_lilianaferreira.pdf)>. Acesso em: 17/05/2022.

LAGO, Teresa Marília Velez Mira. **Função paterna e comportamentos delinquentes em rapazes adolescentes**. 2009. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/882>>. Acesso em 07/06/22.

LINS, Z. M. B. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.16, n.1, p.43-59, 2015. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5429456>>. Acesso em: 28/11/2021.

NASCIMENTO, G. O.; FERNANDES, F. S. As práticas parentais positivas e negativas como fatores colaborativos no rendimento escolar. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología Y Educación**, n.5, p.1-6, 2017. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20180413094754id\\_/http://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/viewFile/reipe.2017.0.05.2762/pdf](https://web.archive.org/web/20180413094754id_/http://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/viewFile/reipe.2017.0.05.2762/pdf)> . Acesso em: 29/11/2021.

NASCIMENTO, G. O.; FERNANDES, F. S. As práticas parentais positivas e negativas como fatores colaborativos no rendimento escolar. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología Y Educación**, n.5, p.1-6, 2017. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20180413094754id\\_/http://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/viewFile/reipe.2017.0.05.2762/pdf](https://web.archive.org/web/20180413094754id_/http://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/viewFile/reipe.2017.0.05.2762/pdf)> . Acesso em: 29/11/2021.

NASCIMENTO, P. **A influência da ausência paterna no comportamento da criança em centros de educação infantil da prefeitura municipal de Vitória/ES**. 2016. 27f. Tese (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <[https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/paulo\\_do\\_nascimento\\_-\\_a\\_influencia\\_da\\_ausencia\\_paterna\\_no\\_comportamento\\_da\\_crianca\\_em centros de educacao infantil da prefeitura municipal de vitoriaes.pdf](https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/paulo_do_nascimento_-_a_influencia_da_ausencia_paterna_no_comportamento_da_crianca_em centros de educacao infantil da prefeitura municipal de vitoriaes.pdf)>. Acesso em: 29/11/2021.

NASCIMENTO, R. J. **Solteiras sim, mães também: os desafios diários das mulheres**. 2019. 51f. Monografia (Graduação em Educação do Campo) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/3323>>. Acesso em: 17/05/2022.

NUNES, A. C. P. *et al.* Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: uma revisão sistemática. **Revista Brazilian Journal of Development**, PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. G. Práticas Educativas Intervenção com os pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Revista mudanças: psicologia da saúde**, v.21, n.1, p.29-40, 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/viewFile/3685/3642>>. Acesso em: 29/11/2021.

PINHEIRO, A. A. A.; SIQUEIRA, I. L. S. M.; BUCHER, J. Ausência do pai: uma introdução ao tema. **Revista de Psicologia**, Ceará, v.1, n.1, p.107-122, 1983.

Disponível em:

<[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10601/1/1983\\_art\\_aaapinheiroilmsiqueirajsnfbmaluschke.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10601/1/1983_art_aaapinheiroilmsiqueirajsnfbmaluschke.pdf)>. Acesso em: 29/11/2021.

RIBAS, A. F. P.; JUNIOR, R. C. R.; VALENTE, A. A. Bem-estar emocional de mães e pais e o exercício do papel parental: uma investigação empírica. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v.16, n.3, p.28-38, 2006. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/jhqd/article/view/19800/21870>>. Acesso em: 28/11/2021.

Rio Grande do Sul, v.6, n.10, p. 79408-79441, 2020. Disponível em:

<<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/18453/14870>>.

Acesso em: 03/10/2021.

SEIBEL, B. L. *et al.* Rede de Apoio Social e Funcionamento Familiar: Estudo Longitudinal sobre Famílias em Vulnerabilidade Social. **Revista Pensando Famílias**, v.21, n.1, p.120-136, 2017. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/185176/001081842.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28/11/2021.

SOARES, N. C. **O impacto psicológico do abandono paterno na infância**. 2021. 20f. Tese (Graduação em psicologia) – Centro Universitário UNIFAAT, São Paulo, Atibaia, 2021. Disponível em: < <http://186.251.225.226:8080/handle/123456789/336> >. Acesso em: 18/05/2022.

SOUSA, M. **Turma da Mônica em: O Estatuto da Criança e Adolescente**. São Paulo (SP): Editora Mauricio de Sousa, p.1-20, 2020.

TRAPP, E. H. H.; ANDRADE, R. S. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. **Revista Ciência Contemporânea**, v.2, n.1, p.45-53, 2017.

Disponível em: <<http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20180301124653.pdf>>.

Acesso em: 29/11/2021.

VALENTE, C. **Um olhar sobre a família – trajetórias e desafios de uma ONG**.

Editora Agora (SP): 2003, p.72. Disponível em: <

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ZtqeX-DBEBQC&oi=fnd&pg=PA63&dq=M%C3%81+FIGURA+PATERNA&ots=WmP6ivMKDJ&sig=oEbG3r3KVUZnqHSgDgXHXi3XUH4#v=onepage&q&f=false> >. Acesso em:

18/05/2022.

VELASCO, Clara. **Em 10 anos, Brasil ganha mais de 1 milhão de famílias formadas por mães solteiras**. Portal G1. São Paulo, 2017. Disponível em

<<https://g1.globo.com/economia/noticia/em-10-anos-brasil-ganha-mais-de-1-milhao-de-familias-formadas-por-maes-solteiras.ghtml>> Acesso em: 17/05/2022.

YEUNG, W. J.; LINVER, M. R.; BROOKS-GUNN, J. *How money matters for Young children's development: parental investment and Family processes*. **Journal Child**

**Dev**, v.73, n.6, p.1861-1879, 2002. Disponível em:  
<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12487499/>>. Acesso em: 28/11/2021.